

Eliane Cristina Deckmann Fleck

A COMPANHIA DE JESUS E ARTES DE CURAR NA AMÉRICA PLATINA SETECENTISTA: UMA ANÁLISE DE MANUSCRITOS JESUÍTICOS INÉDITOS

RESUMO

Neste artigo, compartilhamos os resultados de uma investigação em curso sobre dois manuscritos jesuíticos que se mantêm inéditos, o *Libro de Cirugía* (1725) e o *Paraguay Natural Ilustrado* (1771-1776), escritos, respectivamente, pelo irmão jesuíta Pedro Montenegro e pelo padre jesuíta José Sánchez Labrador, privilegiando a análise das descrições que os autores fazem de saberes e práticas curativas adotadas nas reduções da Companhia de Jesus da Província Jesuítica do Paraguai. Mais do que constatar a influência exercida pelas teorias médicas vigentes na Europa do Setecentos e o diálogo que estes missionários mantiveram com autoridades da Medicina e da Farmácia – tanto da Antiguidade, quanto do período moderno –, interessa-nos, também, apresentar evidências da apropriação e circulação de saberes e procedimentos terapêuticos nas obras que estes dois jesuítas escreveram, a partir de suas experiências nas terras de missão na América.

Palavras-chave: Companhia de Jesus; Província Jesuítica do Paraguai; manuscritos de Medicina; apropriação e circulação de saberes e práticas curativas

THE COMPANY OF JESUS AND HEALING ARTS IN LATIN PLATINUM AMERICA: AN ANALYSIS OF JESUITICAL UNPUBLISHED MANUSCRIPTS

ABSTRACT

In this article, we share the results of an ongoing research on two Jesuit manuscripts which remain unpublished, the *Libro de Cirugía* (1725) and the *Paraguay Natural Ilustrado* (1771-1776), written respectively by the Jesuit Pedro Montenegro and the Jesuit priest José Sánchez Labrador, emphasizing the analysis of the descriptions that the authors make of knowledge and healing practices adopted in the reductions of the Society of Jesus of the Jesuit Province of Paraguay. More than acknowledging the influence exercised by the medical theories in Europe of the eighteenth century and the dialogue that these missionaries maintained with authorities of Medicine and Pharmacy - both of antiquity and of the modern period - we are also interested in presenting evidence of appropriation and circulation of therapeutic knowledge and procedures in the works written by these two Jesuits, from their experiences of the missions in America.

Keywords: Society of Jesus; Jesuit Province of Paraguay; Medical manuscripts; Appropriation and circulation of knowledge and healing practices.

LA COMPAÑÍA DE JESÚS Y ARTES DE CURAR EN LA AMÉRICA PLATINA DEL SIGLO XVIII: UN ANÁLISIS DE MANUSCRITOS JESUÍTICOS INÉDITOS.

RESUMEN

En este artículo, compartimos los resultados de una investigación en curso sobre dos manuscritos jesuíticos que se mantienen inéditos, el *Libro de Cirugía* (1725) y el *Paraguay Natural Ilustrado* (1771-1776), escritos, respectivamente, por el hermano jesuita Pedro Montenegro y por el padre jesuita José Sánchez Labrador, privilegiando el análisis de las descripciones que los autores hacen de saberes y prácticas curativas adoptadas en las reducciones de la Compañía de Jesús de la Provincia Jesuítica del Paraguay. Además de constatar la influencia ejercida por las teorías médicas vigentes en la Europa del siglo XVIII y el diálogo que estos misioneros mantuvieron con autoridades de la Medicina y de la Farmacia – tanto de la Antigüedad como del período moderno –, nos interesa, también, presentar evidencias de la apropiación y circulación de saberes y conductas terapéuticos en las obras que estos dos jesuitas han escrito, a partir de sus experiencias en las tierras de misión en la América.

Palabras clave: Compañía de Jesús; Provincia Jesuítica del Paraguay; manuscritos de Medicina; apropiación y circulación de saberes y prácticas curativas

DAS OBSERVAÇÕES E EXPERIMENTALISMOS AOS LIBROS DE MEDICINA E DE HISTORIA NATURAL: UMA BREVE INTRODUÇÃO

Apesar da significativa produção dos jesuítas sobre a natureza e os costumes das gentes do Novo Mundo, poucos foram os historiadores que se dedicaram a analisá-los, levando em conta seu papel na história intelectual do Renascimento e dos inícios do período moderno. Historiadores como Di Liscia (2002), Millones Figueroa; Ledezma (2005), Del Valle (2009) e Asúa (2010) se inscrevem em uma vertente historiográfica recente de reavaliação da atuação dos jesuítas na construção da chamada ciência moderna, destacando o papel que desempenharam na criação de redes de conhecimento e na formação de uma epistemologia particular no século XVIII. Em seus trabalhos enfatizam, sobretudo, a importância dos colégios da Companhia de Jesus instalados nas várias regiões em que seus membros atuaram, para a circulação de saberes e a prática de experimentalismos, dos quais resultou tanto a validação quanto a contestação de práticas e saberes consagrados na Europa.¹

Alguns membros da Companhia, a despeito de uma assimilação seletiva de ideias caras à Ilustração, produziram notável conhecimento científico baseado na observação e na experiência e fundamentado no produtivo diálogo que mantiveram com a ciência e a filosofia modernas. Esta singular posição se traduziu no expressivo número de obras escritas por integrantes da Ordem, tais como as “*Historias Naturales*”² e as “*Materias Medicas*”³, cuja análise permite a reconstituição do conhecimento científico por ela apropriado, difundido e produzido ao longo do século XVII e na primeira metade do século XVIII⁴. Para além desta peculiar condição da Companhia de Jesus, e dadas as condições em que se deu o avanço colonial sobre as terras americanas, somadas à personalidade e aos talentos de cada missionário e ao isolamento a que muitos deles estiveram sujeitos, é preciso, também, considerar que muitos destes registros sofreram inegáveis influências das experiências vividas e das trocas interculturais que estes padres e irmãos viveram.⁵

Esta dupla constatação parece justificar a proposição de estudos sobre o destino dado aos manuscri-

tos [sobretudo daqueles que ainda se mantêm inéditos, como é o caso do *Tratado de Cirugía* (1725), de Pedro Montenegro, e o *Paraguay Natural Ilustrado* (1771-1776), de José Sánchez Labrador, redigidos por padres e irmãos da Ordem, nos séculos XVII e XVIII, e aos acervos das bibliotecas jesuíticas logo após a expulsão da Companhia de Jesus da América hispânica, em 1767. Uma análise dos inventários dos bens da Ordem, por exemplo, nos revela a presença de livros, medicamentos, utensílios e instrumentos nos colégios e reduções da Companhia de Jesus na América platina, demonstrando que eles foram, por excelência, espaços de circulação de ideias – mediante a formação de redes de conhecimento – e de experimentalismos, que promoveram tanto a criação quanto a validação de práticas e saberes⁶. Os dados extraídos nestes inventários evidenciam que, em muitos dos colégios e das reduções da Ordem, havia pensadores – como proposto pelo historiador equatoriano Cañizares Esguerra (2007) – que, apesar de habitarem regiões marginais no cenário intelectual do período – áreas consideradas apenas e tradicionalmente como receptoras de conhecimentos produzidos em outras partes do mundo –, foram decisivos na construção de determinados conhecimentos sobre o continente americano.

Para alguns jesuítas, como o padre José Sánchez Labrador, “la ‘expulsión’ tuvo paradójicamente una repercusión positiva sobre su formación científica”⁷, uma vez que se viram obrigados a organizar os dados recolhidos ao longo dos anos de experiência missionária na América e a comunicá-los à luz dos avanços científicos do Setecentos⁸. Fato inquestionável é que o missionário jesuíta Sánchez Labrador foi “un paradigma de toda aquella generación” de padres e irmãos que atuaram na América platina no século XVIII, não apenas por seu extenso conhecimento sobre a área missioneira, mas porque “nada escapo a su curiosidad, desde el clima, la geología, la botanica, o la zoología”⁹.

Neste artigo, compartilhamos os resultados de uma investigação¹⁰ em curso sobre dois manuscritos jesuíticos que se mantêm inéditos,¹¹ o *Libro de Cirugía* e o *Paraguay Natural Ilustrado*, escritos pelo irmão jesuíta Pedro Montenegro e pelo padre jesuíta José Sánchez Labrador, respectivamente, privilegiando a análise das descrições que os autores fazem de saberes e práticas curativas ado-

tadas nas reduções da Companhia de Jesus da Província Jesuítica do Paraguai. Mais do que constatar a influência exercida pelas teorias vigentes na Europa e o diálogo que estes missionários mantiveram com autoridades da Medicina e da Farmácia – da Antiguidade e do período moderno –, interessa-nos, também, apresentar evidências da apropriação e circulação de saberes e procedimentos terapêuticos nas obras que escreveram, a partir de suas experiências nas terras de missão na América.

O TRATADO DE CIRUGÍA, DO IRMÃO JESUÍTA PEDRO MONTENEGRO

Para muitos historiadores, o *Tratado de Cirugía*¹², de 1725, foi escrito pelo irmão jesuíta Pedro Montenegro, autor também da *Materia Medica Misionera*, de 1710. Em consulta ao verbete Pedro Montenegro do *Diccionario Histórico de La Compania de Jesús*, e Charles E. O'Neill e Joaquín María Domínguez, encontramos a seguinte informação: “Escribió libros de medicina en español y guaraní. Sus principales obras fueron ‘Materia Medica Misionera’ (1710), con 148 ilustraciones hechas por él mismo, y ‘Libro de Cirugía’ (1725), aún inédito, que se conserva en la biblioteca del convento franciscano de Catamarca (Argentina)”.¹³

Posicionando-se em relação à polêmica quanto à possibilidade de o *Libro de Cirugía* ter sido escrito por um frei franciscano – de nome Pacheco –, o historiador jesuíta Guillermo Furlong¹⁴ afirmou que “Montenegro es el indiscutido autor de la tan zarandeada *Materia Medica Misionera* pero, a nuestro parecer, es el igualmente el autor del ‘*Libro de Cirugía*’ que, en 1916, dio a conocer el doctor Félix Garzón Maceda en magna y eruditísima historia de la “Medicina en Córdoba”¹⁵. O texto do Prólogo da obra evidencia que seu autor recorreu a “autores clásicos y que son doctos para la Medicina” e que seu maior propósito era o “de reunir en un Cuerpo, lo que no he podido hallar en libro alguno, cuanto es preciso teniendo que caminar continuamente y por diversas partes; no pudiendo llevar muchos libros que me hallaba faltos”¹⁶. O *Libro de Cirugía*, segundo Garzón Maceda, possui nove capítulos:

1 Capítulo: Dispensário Médico, conteniendo diferentes fórmulas magistrales de

medicamentos, para ser administrados por vía oral o en aplicaciones externas; 2 Capítulo: Anatomía del cuerpo humano; 3 Capítulo: El tratado de sangrar; 4 Capítulo: enfermedades de la cabeza; 5 Capítulo: Enfermedades del pecho; 6 Capítulo: Enfermedades de la cavidad abdominal; 7 Capítulo: Enfermedades de las Mujeres; 8 Capítulo: Tratado de las Fiebres; 9 Capítulo: Tratado sobre el pulso: orina y crisis. Algunos tratamientos quirúrgicos; medidas para curar el ‘morbo gálico’ y el Escorbuto. Se Cierra el Tratado de los Pronósticos con tablas que muestran la complexión y aspecto de los siete planetas y los doce signos celestes, entre los cuales está la luna y los días más convenientes para evacuar los humores, por medio de las sangrias o purgantes. [...] Es lo más completo que ha circulado y lo de mayor mérito que puede hallarse entre los códices médicos coloniales que han llegado hasta nosotros [...].¹⁷

Considerando a formação que Montenegro teve como aprendiz no Hospital General de Madrid e os procedimentos terapêuticos empregados pelos médicos e cirurgiões à época – que previam sangrias, ingestão de ervas medicinais, fricções, aplicação de ventosas e emplastos com os mais variados ingredientes e cataplasmas, bem como amputações e correções de desvios ósseos – e o ofício a ele atribuído no Catálogo – o de cirurgião –, pode-se inferir quais as atividades que viria a desempenhar nas missões da Companhia de Jesus na América.

Acreditamos que Montenegro pôde, efetivamente, exercer tanto as funções de boticário, de “enfermero” e de cirurgião, pois adquiriu junto ao Hospital Geral de Madri “amplia práctica tanto médica como quirúrgica y en farmacopea hispánica”. A esta “formación, empírica al parecer, pues no obtuvo nunca título de médico”, somou-se “un verdadero talento de observación, [que] le permitió adquirir un sólido conocimiento de nuestra aún desconocida botánica médica”¹⁸. A atuação de irmãos jesuítas nesta função é confirmada por Pablo Pastells: “se señalaran enfermeros en cada pueblo y llevaran las medicinas ordinarias, como son: vento-

sas, lancetas, panos para hilar y vendar, sal, cuchillos para foguear, azufre, ajos, piedra de San Pablo, miel de abejas, 12 hamacas, por lo menos, para los enfermos”¹⁹. Além disso, de acordo com Martin e Valverde²⁰, o irmão Montenegro “fue nombrado cirujano de los pueblos e San Borja, San Miguel de la Candelaria y del Ytapuã en 1705”, segundo consta em documento publicado em Pastells (1933).

A menos documentada das três atividades que Montenegro desempenhou é, sem dúvida, a de “cirujano (*chirurgus*)”. Sabe-se que Montenegro participou dos conflitos decorrentes da disputa pela Colônia de Sacramento entre portugueses e espanhóis²¹, e que “(...) **em 1705 volvemos a tener noticias de él; esta vez en un certificado extendido por el capitán de coraceros Andrés Gómez de la Quintana, en ocasión del sitio de la Colonia del Sacramento, para cuya empresa los jesuitas armaron y condujeron un ejército de 4.000 indios guaraníes, donde venía, ‘como cirujano para curar heridos’, junto con otros religiosos, el hermano Montenegro**”.^{22 23}

Além deste documento oficial²⁴, que refere a sua participação como cirurgião junto a uma **milícia de soldados indígenas, algumas informações, apesar de mínimas, podem ser encontradas na *Materia Medica Misionera***, de 1710, como se pode constatar nesta passagem em que Montenegro refere o sucesso de um preparado à base da raiz de *orozús*: “Esto tengo con más de cuatro hecho la experiencia, que atravezados el pecho de lanzas y balas,²⁵ en las guerras que me hallé, que nadie pensaba que los tales pudiesen vivir 24 horas”²⁶. Ou, então, nesta passagem na qual refere que combateu as “camaras de contagio” – “diarreas sanguinolentas causadas pelas “muchas lluvias; y poco abrigo, y no tener mas que carne, y aquella flaca”^{27 28} – que haviam atingido os soldados com *arrayán* e *arazá*, plantas que nasciam em “abundancia sobre la Colonia de San Gabriel”.²⁹

Também nas reduções, Montenegro parece ter convivido com situações que requeriam mais do que os conhecimentos próprios de um enfermeiro ou boticário, como esta em que um indígena teve “una dislocación, con grave contución del espinazo y rodilla de un Indio, que por recojer guabirás se cayó del arbol sobre piedras, quedando alli casi muerto”³⁰. No

entanto, ele afirma ter recorrido a um um bálsamo de *Yuquirípeí*, que “mitigó los dolores, y quitó la inflamacion en 24 horas”^{31 32}. Em outra passagem, Montenegro ressalta os benefícios da utilização “del ungüento del *Guní-elemí*” – já referido por Andres Alcazar, médico e professor em Salamanca, autor de livros de cirurgia, com destaque para um deles, no qual aborda o tratamento de feridas na cabeça (1582)³³ –, que “es admirable en las heridas penetrantes del pecho y ventre, porque saca las materias y sangre de lo interno por la herida y el ardor de la llaga al mismo tiempo” e, também, nas “quebraduras de los huesos y graves contorciones oseas [...] como yo me he valido y me valgo de el”.³⁴

Sabe-se que os “*libros de medicina*” manuscritos circulavam de redução em redução, sob a forma de cadernos, sem especificação de seu autor, e, ainda, que estes cadernos eram copiados para que as receitas não se perdessem³⁵. Um deles, denominado *Pojhã Nãna*³⁶ – redigido quase inteiramente em guarani e atribuído ao irmão jesuíta Marcos Villodas³⁷ – se encontra na Wellcome Library de Londres, razão pela qual é denominado de Ms. W. L. Londres³⁸. O *Manuscrito Villodas*, como também é conhecido, se constitui, segundo a pesquisadora paraguaia, em um dos poucos no qual o missionário revela que aprendeu – com os indígenas guaranis – algumas práticas médicas e, sobretudo, formas de diagnosticar doenças, o tipo e a duração do tratamento, bem como uma classificação das plantas medicinais.

Considerando que este manuscrito foi divulgado quinze anos depois daquele que Pedro Montenegro escreveu em 1710 e que ele coincide com o ano de divulgação do *Libro de Cirugía*, atribuído também ao irmão jesuíta, é plausível supor que no *Pojhã Nãna*, do irmão Marcos Villodas, muitos dos diagnósticos, de princípios humoralistas,³⁹ das virtudes medicinais de certas plantas e a indicação de tratamentos tenham sua origem no “*libro de medicina*” escrito em 1710. As evidências da apropriação de saberes ou da reprodução de certas receitas⁴⁰ presentes na *Materia Medica Misionera* podem ser constatadas, por exemplo, nos procedimentos terapêuticos indicados para o tratamento de “*llagas viejas*”, uma vez que o irmão Villodas recomenda:

Hay varias formas de llagas viejas, las que afectan la parte interna del cuerpo, otras que producen hinchazón/inflamación en la carne y otras que afectan la piel, otras producen pequeños agujeros en la carne del paciente, y producen pus. [...] [Hay las] que afectan los nervios y otras que afectan hasta los huesos. [...] si se le aplica el cocimiento del zumo de tabaco mata rapidamente todo tipo de gusanos de la carne. Y para que sea más eficaz cocer con tabaco o vinagre, y que se lave correctamente el gusano de la llaga con orín (humano), cuantas veces sea necesario. [A la par se recomienda emplear el zumo de juapekã como brebaje] Que se le dé el siguiente remedio para que transpire su cuerpo, coger once o doce raíces de juapekã de una pulgada, diez raíces de tarope. Un puñado de kapi'i kati, además, un puñado de cardo santo. [...] [Deve-se] frotar adecuadamente todas las raíces y machacarlas. Y cocer debidamente con cardo santo, se le añadirá seis vasos de agua. Después sacar del fuego [...] y dejar reposar adecuadamente el cocimiento durante la noche, recalentarlo al amanecer. Y colar para extraer el zumo, luego colocarlo en un cántaro.⁴¹

Na *Materia Medica Misionera*, o irmão jesuíta Montenegro recomenda que “Para curar llagas de las piernas [...] [deve-se] Mascar una oja de tabaco, y aplicarla sobre las llagas tambien las cura”⁴². Quanto ao uso medicinal do tabaco, ele observa⁴³:

Hallanse en estas Misiones dos diversas especies de Tabaco; [el] mas fuerte y mas eficaz para el uso de medicinas, que piden ó se requieren movimiento violento [...] La yerba del Tabaco es tan alabada de los antiguos, que llegaron á llamar la yerba sagrada, otros, yerba santa. [...] Mata las lombrices y gusanos chatos, y otras cualquier sabandija que se cria en los cuerpos, por malos mantenimientos. Sus ojas secas mascadas muy bien, y aplicada[s] á las heridas, ó [p.] 350

/ó llagas sordidas y putridas, ó aquellas que ya hacen materia, las mundifica, y las cura, y lo mismo hace en las muy viejas y sucias.⁴⁴

As virtudes medicinais do *taropé*, referidas por Villodas no Ms W. L. Londres, foram também destacadas por Montenegro na *Materia Medica Misionera*, de 1710:

El Taropé, ó contra yerba del Perú está lo mas de estas tierras muy abundante de ella, y casi todos los Indios la conocen (...). Tiene virtud potentissima contra las mordeduras de las fieras, que arrojan de si ponzoña fria, como es la vibora, culebra, aspid, ceraste, escuerzo, zapos, y semejantes. El cocimiento de dos dragmas de su raiz tomado caliente con un poco de miel de avejas, deshace los grumos de sangre estravenada en las cavidades del pecho y vientre.⁴⁵

Como se pode constatar, em ambos os “*Libros de medicina*” – *Materia Medica* e *Pojhã Ñana* –, tanto as enfermidades quanto as terapêuticas e as plantas medicinas indicadas por suas virtudes se aproximam – e até se repetem – de forma muito significativa, o que nos leva a considerar plausível que as versões dos manuscritos que circularam posteriormente àquele que originalmente Pedro Montenegro escreveu procuraram reproduzir recomendações e procedimentos, de forma que missionários e indígenas pudessem – de forma mais eficiente – contornar os efeitos de certas enfermidades sobre as nascentes cristandades na América.

O PARAGUAY NATURAL ILUSTRADO, DO PADRE JESUÍTA JOSÉ SÁNCHEZ LABRADOR

O autor do *Paraguay Natural Ilustrado* nasceu em La Guardia, cidade de La Mancha, no dia 19 de setembro de 1714 ou 1717. Ingressou na Companhia de Jesus em 5 de outubro de 1731, de acordo com Ruiz Moreno (1948), ou em 19 de setembro de 1732, segundo Sainz Ollero et al. (1989). Iniciou seus estudos de Filosofia no Colégio de Valladolid, interrompendo-os para via-

jar ao Rio da Prata em 1734, acompanhando o Padre Antonio Machoni. De 1734 a 1739, estudou Filosofia e Teologia na Universidade de Córdoba, concluindo sua formação no verão de 1739. Entre os anos de 1741 e 1744, atuou como professor na mesma cidade, dedicando-se, concomitantemente, aos estudos de História Natural.

Assim como muitos outros padres e irmãos jesuítas que o precederam nas terras de missão americanas, Sánchez Labrador não se dedicou, exclusivamente, à conversão dos indígenas, mas também ao estudo da fauna e da flora americana que observou nas diversas regiões da Província Jesuítica do Paraguai em que atuou como missionário⁴⁶. De acordo com alguns de seus biógrafos, entre 1747 e 1757, o padre jesuíta atuou junto às reduções de *San Francisco Xavier*, *Santa Maria la Mayor*, *La Cruz*, *Santo Thomé* e *San José*⁴⁷. A partir de 1757, passou a atuar em *Apóstoles* (Santos Apóstolos ou Apóstolos São Pedro e São Pablo), tendo como companheiros os padres Lorenzo Ovando e Segismundo Asperger, este último, reconhecido por sua atuação como médico e boticário. Sabe-se que, dois anos depois, lecionou Teologia no Colégio de Assunção, e que no ano seguinte (1760), missionou entre índios Mbayás, Guanas e Guaranis, que, mais tarde, formariam a redução de *Nuestra Señora de Belén*. Em 14 de agosto de 1767, logo após seu regresso de uma viagem às missões de índios Chiquitos, Sánchez Labrador foi informado do decreto de expulsão dos jesuítas da Espanha e de suas colônias no Ultramar⁴⁸. Em 1768, chegou à Itália, estabelecendo-se em Ravena, onde permaneceu por 30 anos e foi Superior de uma das casas que a Companhia de Jesus possuía na cidade.

O manuscrito original do *Paraguay Natural Ilustrado*⁴⁹ encontra-se sob a guarda do Arquivo Romano da Sociedade de Jesus (ARSI), em Roma⁵⁰, e se subdivide em quatro tomos – perfazendo um total de 1.852 páginas –,⁵¹ que reúnem informações sobre geografia, geologia, zoologia e botânica⁵² da vasta região que compreendia a Província Jesuítica do Paraguai. O propósito de reunir e oferecer “la naturaleza de un País, tan poco conocido por sus producciones naturales, quanto preconizado por otros títulos”, fica evidente nesta passagem da Introdução do Tomo I da obra:

Pocos ignoran, que estas dos palabras Historia Natural dan a entender mucho. Si la Historia Natural es univeral, espresa un conocimiento, y la descripción de todos los seres, y cosas, que componen el universo, quanto en si es. La historia de los cielos, de la Atmospha, de la Tierra, de todos los phenomenos, que acontecen en el mundo, y aun la del mismo Hombre.⁵³

Acredita-se que o valioso manuscrito tenha se mantido inédito ao longo desses anos, devido a inúmeros fatores, dentre os quais podemos destacar o número de volumes que a compõem, a lentidão dos trâmites burocráticos de censura editorial (civis e eclesiásticos) e os custos de impressão no Setecentos. Não se deve desconhecer, também, que em 1776, ano em que Sánchez Labrador concluiu a escrita da obra, a Companhia de Jesus ainda não havia sido restaurada, o que, certamente, contribuiu para que ela permanecesse inédita⁵⁴. Soma-se a estes fatores o fato de que autores como José Luis Molinari (1938), Guillermo Furlong (1948), Aníbal Ruiz Moreno (1958), Héctor Sainz Ollero; Hélio Sainz Ollero; Francisco Suárez Cardona e Miguel Vázquez de Castro Ontañón (1989) e Mariano Castex (1963; 1968) limitaram-se a fazer publicações parciais de certos tomos, livros e capítulos do *Paraguay Natural Ilustrado*, sendo que, na maioria das vezes, não indicaram as referências completas dos excertos selecionados.

Considerando-se, especificamente, a *Parte Segunda* da obra, constata-se que Sánchez Labrador empregou critérios de classificação próprios da botânica, tais como taxonomia, morfologia, anatomia e, também, considerou aspectos etnobotânicos e relativos aos tratos culturais, que, até meados do Setecentos, eram tratados isoladamente por outros cientistas, o que é confirmado na afirmação que faz na abertura deste tomo:

no se trata qui de dar una Notícia ayuna, y enxuta de las Plantas del Paraguay, sino, en quanto se há podido, formar una Botanica de las que produce este País, considerado hasta ahora con casi, ningun cuidado, e empeño [...] Muchos auctores restringen la Botanica à

solo el conocimiento de las Clases, Generos, y Especies de las Plantas; à su exterior forma, y la descripción de todas sus partes. Estoy de acuerdo, que su objeto comprehenda todo el Reyno de los vegetables, en todo sus estados, en todos sus usos, y em todos sus respectos.⁵⁵

Cada planta descrita por Labrador está precedida por descrições morfológicas e ecológicas, seguidas por informações sobre sua utilidade, além do seu método de obtenção e cultivo. Dentre as plantas apresentadas, se encontra o *cupay* (*Copaifera sp.*), nome vernáculo atribuído a diversas espécies nativas, produtoras de óleos essenciais terapêuticos, que foram empregadas nas reduções jesuíticas na preparação de diversos bálsamos, úteis no tratamento tanto de lesões externas quanto da varíola. Ao longo deste tomo, o jesuíta também apresenta uma série de advertências, tendo em vista o êxito na busca e no emprego de determinado vegetal, procedimento que está em plena sintonia com a afirmação que faz na Introdução: “Es verdad, que aún la Historia Natural de um solo País es un sugeto de bien basta extensión, por lo respectivo a sus materiales: por lo que en su descripción se hace indispensable grande cuidado, y circunspección en la pluma”.⁵⁶

Para além das virtudes medicinais das plantas, padre Sánchez Labrador também sistematizou as propriedades terapêuticas das pedras bezoares⁵⁷. O primeiro Livro da Terceira Parte da obra, intitulado *Animais quadrúpedes*, conta com um capítulo [o sétimo, intitulado *De las Piedras Bezares*], que trata, especificamente, das origens dos bezoares, das falsificações, das espécies existentes, de suas virtudes e de outros tipos dessas pedras. Vale observar que ao longo do quinto capítulo do terceiro Livro da Segunda Parte do *Paraguay Natural Ilustrado*, intitulado *Los Arboles en Particular*, o jesuíta também faz referências às virtudes medicinais das pedras bezoares e à sua utilização tanto por europeus e orientais quanto pelos indígenas da Província Jesuítica do Paraguai. Nestes dois capítulos, o jesuíta ressalta que tanto o bezoar ocidental quanto o bezoar oriental possuíam suas virtudes relacionadas com a quantidade de sal volátil alcalino e sulfúreo que continham, sendo também bastante oleosos e contribuindo para a limpeza dos ácidos do corpo.

Por possuírem estas propriedades, os bezoares seriam diaforéticos, provocariam o suor, sendo bons contra os venenos, dissipando as vertigens da cabeça e as palpações do coração, e também matando as lombrigas.⁵⁸

Padre Labrador dedicou-se, ainda, às virtudes medicinais dos insetos, apresentando seus empregos pelos grupos indígenas com os quais contatou na condição de missionário. É no Terceiro Livro da Quarta Parte da obra que o autor trata de “Os Insetos”, sendo que no último capítulo, aborda a utilidade dos insetos na Medicina, dentre os quais se encontram os escorpiões, as aranhas, os percevejos, os besouros, os grilos, as formigas, as moscas, os piolhos e as sanguessugas⁵⁹. Interessante observar que na documentação jesuítica são recorrentes as menções a acidentes com animais venenosos, como serpentes, escorpiões e aranhas, que podem ser atribuídas tanto ao ambiente natural em que as reduções se estabeleceram quanto a desordens climáticas, tais como secas ou enchentes, que podem ter favorecido a sua proliferação ou deslocamento para outras regiões. A propósito, dentre as plantas que o irmão Pedro Montenegro refere para uso específico em acidentes com animais peçonhentos, está o “*taropé*”, popularmente conhecida como “figueirilha”, pertencente à espécie *Dorstenia brasiliensis* Lam., e que, em trabalhos atuais, é referida por suas propriedades antifídicas, diaforéticas e antifebris.

Segundo Sánchez Labrador, algumas regiões da Província Jesuítica do Paraguai, como a do Chaco, apresentavam clima muito quente e úmido, portanto, bastante propício para a proliferação de insetos. Estes *pequeños vivientes* estavam, segundo ele, presentes na água, no ar e na terra, adornados ou não com asas, possuindo sempre uma simetria em seu todo, razão pela qual suas partes demonstrariam a sabedoria do *Auctor*, numa referência ao Criador. O jesuíta classifica os insetos por famílias, distribuindo-as entre os que voam, os que se arrastam ou os que parecem que se arrastam. Entre essas famílias existiam, segundo ele, distinções quanto aos corpos dos insetos, que poderiam se constituir de anéis, nós, placas e outras divisões. Afirma, ainda, que os insetos, diferentemente de outros animais, não tinham reconhecidas suas virtudes terapêuticas porque depreciavam estes *animalillos* por seu tamanho.⁶⁰

Além das enfermidades para as quais eles seriam eficientes, o jesuíta se detém nas formas de preparo destes insetos para que fossem ingeridos como medicamentos. Cabe ressaltar que as indicações feitas pelo jesuíta Sánchez Labrador, assim como as feitas por outros homens de ciência do período, tanto na Europa quanto na América, levam em consideração os pressupostos da teoria humoralista hipocrático-galênica⁶¹, segundo a qual a saúde era assegurada pelo equilíbrio entre os humores que compunham o corpo humano. Percebe-se que Sánchez Labrador fundamenta o emprego terapêutico de certos insetos a partir de pressupostos da teoria humoralista, na medida em que o emprego da medicina dos contrários – o uso de contravenenos – leva o enfermo a expelir os excessos dos humores em desequilíbrio, através do sangue, das fezes, da urina, do vômito e de demais formas de excreção. A apropriação da teoria hipocrático-galênica fica também evidenciada em várias outras passagens, como na referência que o jesuíta faz à náusea provocada pela ingestão de piolhos, que consistiria, segundo ele, justamente, na maneira de o corpo eliminar a febre.⁶²

É importante lembrar que, ao longo das mais de trezentos e setenta páginas deste livro, Sánchez Labrador recorre a vários autores europeus para legitimar suas afirmações e descrições das indicações terapêuticas e modos de preparo dos insetos. Aliás, fica bastante evidente que Sánchez Labrador se valeu tanto de suas próprias observações, a partir de expedições que realizava pela região platina, acompanhado de indígenas, quanto de obras de autores clássicos e contemporâneos, muitas delas redigidas por outros jesuítas, como os padres Alonso de Ovalle (1601-1651) e Athanasius Kircher SJ. (1601-1680)⁶³, ou por cientistas leigos, com os quais estabelecerá um interessante diálogo, tais como os médicos Caspard Bauhin (1560-1624), Robert James (1703-1773), Nicolás Lemery (1645-1715), Esteban Geoffroy⁶⁴ (1672-1731), Jacques-Cristophe de Bomare (1731-1807), Marcial⁶⁵ (38/40 d.C.-?), Dioscórides⁶⁶ (40 d.C.-90 d.C.), Martin Lister (1638-1712), Johann Schröder⁶⁷ (1600-1664) e Cláudio Galeno⁶⁸ (129-199/217 d.C.).

A referência a Galeno pode ser encontrada na passagem em que refere a utilização de “água destilada de Moscas [...] contra los males de los ojos; para

servirse de ella la mezclan con una yema de huebo, y forman emplasto. Galeno aprueba este remedio”⁶⁹. Ao tratar das propriedades terapêuticas do mel das abelhas, Labrador deixa bastante evidentes as leituras que realizou e os autores nos quais se baseava: “Otras virtudes excelentes dela Miel podrán leerse en las Pharmacopeas Matritense, de Lemery, Palacios, James, etc”⁷⁰. Mas, ao referir-se à cera de abelha, o jesuíta demonstra não somente conhecer a obra de Lemery, como manifesta sua discordância em relação ao já afirmado por ele: “*Lemery juzga, que no hay mas cera virgen*, que la que en las colmenas se llama propolis, y en Guarani Eybora; que es una especie de Matice dorado, o rubicundo, el qual contiene mucho oleo, y poca sal volátil acida. *Es error este de Lemery, y solo impropriamente puede la Propolis llamarse Cera Virgen*”.⁷¹

Em outra passagem, que trata, especificamente, das sanguessugas, o jesuíta irá ressaltar as acertadas recomendações feitas pelo mesmo Lemery: “Para aplicar las sanguijuelas son necesarias algunas precauciones, *que podran verse en el Diccionario de Drogas Simples de Lemery. Este Auctor enseña*, que si por casualidad, bebiendo agua, se trago alguna sanguijuela, luego o se beba agua salada en abundancia, porque con ella desiste este insecto de atormentar; y que después se purgue con Mercurio dulce, u otra composición Mercurial”.⁷²

O diálogo que Labrador mantinha com as concepções e obras produzidas por outros homens de ciência da Companhia de Jesus fica atestado nesta passagem, na qual faz referência aos escorpiões, mencionando que “Cree el P. Kircher que los Alacranes atraen el veneno por cierta virtud magnética; pero Hoffmann /in Medic. Rat. Syst. tom. P. 2. Cap. 2. §. 27. lo tiene por fabula, que atraiga por magnetismo”⁷³. É certo que o jesuíta exilado manteve também contato com outros membros da Companhia, como se depreende de duas passagens extraídas do Livro III, da *Parte Segunda*, do *Paraguay Natural*: “En la bellissima especula de la ciudad de Bolornia, nos mostraron la hierba del Paraguay entre las producciones vegetables, y raras de las Índias. [...] Referi despues esta noticia al P. Diego Moreno, de la Provincia de Chile, que a la sazón se hallaba em Ravenna, sugeto grave, y de gran discernimiento”.⁷⁴

Para abordar as propriedades terapêuticas de aranhas e de suas teias, Sánchez Labrador recorre aos tra-

balhos tanto de Martin Lister quanto de Robert James, como se pode constatar nas passagens que destacamos. Em relação ao primeiro autor, o jesuíta afirma que em seu “/Tractat. De Araneís/ [Lister] las atribuye muchas facultades medicinales; pero se desean buenas pruebas, fundadas en experiencias”⁷⁵. Na referência que faz ao segundo, Labrador não apenas recorre a James para legitimar as virtudes e o mais adequado procedimento terapêutico, como para reforçar sua eficácia a partir de experiências bem sucedidas e de registros que a comprovam:

*James escribe que se ha de tomar una vez una hora antes que venga el paroxismo; y otra vez quando ya esta próximo a venir. Dice, que le informaron, que los indianos en la Carolina Septentrional, tiene grande confianza en este remedio para el dicho mal, a que están muy expuestos. Añade, que un amigo suyo, que había estado muchos anos en aquellas tierras, le asseguro, que el mismo había sanado de aquel mal con la tela de Araña. Concluye James, y de hecho, la experiencia misma confirma la eficacia de este remedio para sanar las calenturas, que vienen con frío*⁷⁶.

Este recurso narrativo de legitimação pode ser também observado em outras duas situações, nas quais, ao referir-se à cochoñilla, o jesuíta respalda suas descrições em autores como Geoffroy, Schröder e Lemery:

Geoffroy dice, que se usa la cochoñilla para todos aquellos fines, a los quales sirve el Chermes. [...] En los Pasmos delas Quixadas, en que estas se aprietan de modo que se cierra fuertemente la boca, son excelentissimo, y prompto remedio, cogese un pedacito de Grana, (que es la substancia de los Gusanos) como una Almendra; desliese en vino; abrese la boca del enfermo con algún palito, y se le hecha en ella la dicha infusión algo tibia con una cuchara: luego sele desetan los nervios, y habla. Practique este remedio en una ocasión, que llamado a confessar una enferma en la ciudad de Buenos Ayres, la encontré con

el referido Pasma. Pudo por este medio confessarse a satisfacción. *De otras virtudes dela Grana, vease Schroder en el Libr. citad. Geoffroy. Lemery.*⁷⁷

Schröder será novamente mencionado na descrição que Labrador faz das virtudes medicinais dos besouros: “Dice Schroder, que el aceyte hecho de la infusión de estos insectos, puesto en el oído, o instilado en la oreja, quita los dolores de los oídos, y la sordera”⁷⁸. Mas esta não será a única forma de preparo dos *escarabajos*, uma vez que Labrador irá destacar também “El modo mejor de hacerlos polvo, segun Hartmannes, es este: meter algunos escarabajos en un vaso de tierra; taparle bien, y ponerle al sol a secar; después moerlos hasta queden polvo”.⁷⁹

Referindo-se à utilização terapêutica de piolhos, Labrador descreve e, ao mesmo tempo, desacredita uma das práticas adotadas, afirmando que “En quanto a el uso externo, sirven para los Ninõs [os indios], que padecen supresión de orina: suelen poner vivo un Piojo en el Cañoncito, que con la titilación se ensancha, y da lugar a que la orina salga. Schroder no aprueba esto”⁸⁰. Por outro lado, ressalta a eficácia de outra forma de utilizá-los, sobretudo, por assegurar, em uma perspectiva humoralista, a retomada do equilíbrio: “Densele al enfermo al principio del paroxismo cinco, o seis, y que los trague, o mas o menos, según se juzgare conveniente. Nota muy bien Lemery, que por ventura al asco, y nausea, que siente el paciente al tomarlos, conduce para expeler la calentura mas, que el mismo remedio”.⁸¹

Por sua condição de autor erudito, o jesuíta Sánchez Labrador produziu uma obra em que fica, portanto, evidente a “necessidade de um *comentário autorizado* da parte de quem é suficientemente ‘sábio’ ou profundo”⁸². Entretanto, o que chama a atenção, especificamente, neste livro do *Paraguay Natural*, não são as recorrentes remissões e evocações aos conhecimentos de *autoridades* reconhecidas, mas as menções que Labrador faz às contribuições de outros sujeitos, no caso, os indígenas, a quem denomina de *inteligentes* e *sábios* em algumas situações. Em uma das descrições sobre a utilização terapêutica de grilos (*quiyu*, em guarani), encontramos menção aos indígenas que

Labrador denomina de *inteligentes*, os quais atuavam, segundo ele, como curandeiros⁸³:

*En el Paraguay un inteligente los preparaba, como ya digo. Cocía levemente unos Grillos, les sacaba las tripas, molía lo demás; y estos polvos daba en licor conveniente a los que padecían dela orina: fluía esta, y quedaba aliviado el paciente. Otro tostaba dos Grillos en una cazuela de barro, los molía; y en un poco de vino, o de agua bien cocida, o de Chicha (Aloxa) de Maiz los daba a beber al enfermo, que padecía dela retención de la orina; obraba luego el buen efecto. Por el contrario si la enfermedad era de demasiado flujo de orina, le daba al enfermo un solo Grillo sin tostar, machacado, y en infusión de un poco de agua tibia.*⁸⁴

Labrador também descreve outra prática de utilização dos *quiyus*, que parece ter sido bastante comum entre os indígenas. Os grilos, segundo o jesuíta, deveriam ser enfiados ainda vivos “en un palito, como assador; tuestalos al fuego, y ya tostados muelelos en un poco de vino caliente: este vino mezclado con los Polvos de los Quiyus, daras al indio, o india, que padeciere la retención de orina, y esta poco a poco fluirá con feliz suceso”⁸⁵. Em outra ocasião, ele afirma que presenciou dois *inteligentes* e *sábios* indígenas preparando grilos, com o propósito de curar um índio que se encontrava enfermo, e que o procedimento teve resultados positivos.

Essa prática de nomeação ou adjetivação dos indígenas traz consigo um caráter de distinção, na medida em que não são iguais aos cientistas europeus, mas se diferenciam dos demais indígenas. François Hartog explica que a nomeação do outro faz parte do processo da retórica da alteridade e envolve, principalmente, a classificação deste outro, que seria essencial, pois “classificando o outro, classifico-me a mim mesmo e tudo se passa como se a tradução se fizesse sempre na esfera da versão”⁸⁶. É importante considerar, ainda, que a distinção que Sánchez Labrador fez entre indígenas “más racionales” y “menos racionales” se baseou no uso que estes faziam das espécies vegetais como medicamentos, porque para “él la medida de la lógica se

daba en relación con el acercamiento al mundo natural, utilizando y aprovechando sus ventajas, a la vez que se despreciaba lo sobrenatural (el shamanismo, la magia en suma), prueba clara de irracionalidad”⁸⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhos recentes têm apontado tanto para a premissa de que irmãos e padres da Companhia atuaram decisivamente na implantação de uma cultura científica nas terras de missão americanas quanto para aquela que destaca a indiscutível contribuição dos indígenas para este conhecimento científico, que viria a ser difundido através da eficiente “rede de agentes da Companhia”⁸⁸, encarregada de promover sua circulação entre os colégios jesuíticos da América e os da Europa. Para a doutora em Farmácia Sabine Anagnostou (2011), se a história natural e a farmácia missioneira podem ser consideradas como “as duas facetas principais do naturalismo jesuítico na América do Sul”, por outro, não devem ser percebidas como “precursoras deficientes das ciências atuais ou como cópias insuficientes dos modelos europeus, mas como formas independentes e singulares da história da ciência”⁸⁹. Esta singularidade, segundo ela, fica evidenciada na “experimentação e na incorporação do saber etnofarmacêutico indígena”, que decorreu da “posição relativamente imparcial e aberta dos jesuítas frente aos indígenas, baseada na espiritualidade inaciana”, que possibilitou “um intercâmbio intenso e persistente no campo da medicina”.⁹⁰

O *Libro de Cirugía*, do irmão jesuíta Pedro Montenegro, mais do que comprovar “sus aficciones desde niño y su estudio favorito – la virtud de las plantas para curarse con ellas y a sus projimos” – e o “ingenio” e a erudição e do jovem galego formado no Hospital de Madri, nos revelam um Montenegro pensador – um *autor de Botica* – que põe à prova os conhecimentos dos autores clássicos “por la esperiencia” e que investe “el tiempo aberiguando poco a poco las virtudes [das plantas]”, não se limitando à compilação de virtudes, receitas e procedimentos terapêuticos divulgados nos tratados que ele tão bem conhecia. Condição que, aliás, o levou a afirmar que as plantas que havia descrito não se encontravam “en ninguno de los herbarios escritores, ni tampoco en ninguna otra parte”.⁹¹

Diferentemente da *Materia Medica* e do *Libro de Cirugía*, escritos pelo irmão Montenegro, durante seu período de atuação como missionário na América, e da vasta obra que foi elaborada pelo padre Sánchez Labrador durante seu exílio na Itália, o *Manuscrito Villodas* foi redigido quase inteiramente em guarani, recorrendo a “el hablar cotidiano de los autóctonos”. Para além de seu ineditismo e desta distinção, o “manual de enfermedades y sus respectivas formas de curar”⁹² não se detém na explicação das virtudes das plantas, na indicação de certos procedimentos terapêuticos, na preparação e na duração da administração dos remédios – como ocorria nos demais manuscritos da época escritos em castelhano –, privilegiando a descrição detalhada dos sintomas das doenças, o que acentua sua finalidade prática e o torna bastante singular.

Quanto aos registros que o padre jesuíta Labrador fez dos saberes e das práticas curativas indígenas no *Paraguay Natural Ilustrado* – com destaque para o emprego de plantas, pedras bezoares e de insetos –, estes, seguramente, levaram em conta tanto as obras que consultou durante seu período de formação e atuação na Província Jesuítica do Paraguay quanto o diálogo que estabeleceu com outros homens de ciência – durante seu exílio em Ravena, na Itália –, período durante o qual dedicou-se à sistematização das informações levantadas na América e à escrita do *Paraguay Católico* e do *Paraguay Natural*. Sánchez Labrador, contudo, estabeleceu contínuas relações e comparações entre as práticas curativas indígenas e as europeias, fundamentando suas observações no conhecimento divulgado por autoridades em Medicina e Farmácia. Em algumas situações, chegou a contestar certas concepções europeias, contrapondo-as às observações e às experiências que realizou durante o período de sua atuação como missionário junto aos indígenas da região platina. Sua narrativa parece, portanto, sobrepor e mesclar as experiências que vivenciou na América àquelas próprias de seu período de formação na Europa e, ainda, às que viverá durante o exílio em Ravena.

Parece-nos, portanto, acertado afirmar que os *libros de medicina* e de *historia natura*, escritos pelos irmãos jesuítas Pedro Montenegro e Marcos Villodas e pelo padre José Sánchez Labrador no setecentos efetivamente comprovam a existência de uma “epistemolo-

gia práctica”, aquela que se impôs nas zonas periféricas dos impérios ibéricos, e que se traduziu em “complejos procesos de redefinición del sujeto”, resultantes das tensões próprias da experiência missionera de “representantes del orden letrado en las fronteras”.⁹³

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Jean Luiz Neves Abreu, “A colônia enferma e a saúde dos povos: a medicina das ‘luzes’ e as informações sobre as enfermidades da América portuguesa”, in *História, Ciências, Saúde – Mangui-nhos*, v. 14, n. 3, 2007, pp. 761-778;
- Norma Acerbi Cremades, “Los jesuitas y la medicina de Córdoba desde 1599 a 1767” in *Anais Congreso Internacional Jesuitas 400 Años en Córdoba*, Septiembre, Tomo 4, 1999, pp. 11-26;
- AMANTINO, Márcia et al. (orgs.), *A Companhia de Jesus na América por seus colégios e fazendas, Aproximações entre Brasil e Argentina (século XVIII)*, Rio de Janeiro, Garamond, 2015;
- Sabine Anagnostou e Fabian Fechner, “Historia Natural y Farmácia Misionera entre los Jesuitas em el Paaguay”, in Guillermo Wilde (ed.), *Saberes de la conversión. Jesuitas, indígenas e Impérios coloniales en las fronteras de la Cristandad*, Buenos Aires, Editorial SB, 2011, pp. 175-190;
- ARCHIVO DEL DR. R. SCHIAFFINO, *Originales de su obra Historia de la Medicina en el Uruguay*, Tomo II, cap. II (La Colonia de Sacramento), Caja 245, carpeta 21. Archivo General de la Nación del Uruguay;
- ARCHIVO GENERAL ADMINISTRATIVO (1705-1750). *CERTIFICADO de Andrés Gómez de la Quintana: sobre los servicios prestados por los indios de las reducciones en el desalojo de los protugueses de la colonia*. 1705, noviembre 29. Certificados. Caja 1, carpeta 1 bis (fls:2). Archivo General de la Nación del Uruguay;
- Miguel de Asúa, *La ciencia de Mayo: la cultura científica en el Río de la Plata, 1800-1820*, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2010;
- Artur H. Franco Barcelos. *O Mergulho no Seculum*, Porto Alegre, Editora Animal, 2013.
- Jorge Cañizares Esguerra, *Como escribir la historia del Nuevo Mundo: Historiografías, epistemologías e identidades en el mundo del Atlántico del siglo XVII*, México, Fondo de Cultura Económica, 2007;
- Francisco Bauzá, *Historia de la cominación española en el Uruguay*, Montevideo, Barreyro y Ramos, 1895;
- Charlotte de Castelnau-L'Estoile, *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil – 1580-1620*, Bauru, EDUSC, 2006;

- CASTEX, Mariano (ed.). *Sánchez Labrador, SJ. Peces y aves del Paraguay Natural Ilustrado, 1776*. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1968.
- Michel de Certeau. *A escrita da história*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.
- Pierre François Xavier Charlevoix, *Historia del Paraguay*, Madrid, Librería General de Victoriano Suárez, 1913;
- Ivonne Del Valle, *Escribiendo desde los márgenes: colonialismo y jesuitas em el siglo XVIII*, México, Siglo XXI, 2009;
- María Silvia Di Liscia, *Saberes, Terapias y Prácticas Médicas en Argentina (1750-1910)*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas Instituto de Historia, 2002;
- Beatriz Helena Domingues, *Tão longe, tão perto: a Ibero-América e a Europa Ilustrada*, Rio de Janeiro, Museu da República, 2009;
- Christian Fausto et al., “O cirurgião, o físico e as quebrasuras: tratamento e cura de fraturas ósseas em dois manuais de medicina do século XVIII” in *Antíteses*, v. 6, n. 12, 2013, pp. 239-268;
- MILLONES FIGUEROA, Luís e Domingo Ledzma (eds.), *El saber de los jesuitas, historias naturales y el Nuevo Mundo*, Madrid, Iberoamericana, 2005, pp. 9-26;
- Eliane Cristina Deckmann Fleck, *Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus (América platina, séculos XVII e XVIII)*, São Leopoldo, Oikos, Editora Unisinos, 2014;
- Eliane Cristina Deckmann Fleck, *As artes de curar em um manuscrito jesuítico inédito do Setecentos – o Paraguay Natural Ilustrado do padre José Sánchez Labrador (1771-1776)*, São Leopoldo, Oikos, Editora Unisinos, 2015;
- Guillermo Furlong, *Medicos Argentinos durante la dominación hispanica*, Buenos Aires, Huarpes, 1947;
- Guillermo Furlong, *Naturalistas Argentinos durante la dominación hispánica*, Cultura Colonial Argentina, vol. 8, Buenos Aires, Editorial Huarpes, 1948;
- Junia Ferreira Furtado (org.), *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira*, Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, 2002;
- Junia Ferreira Furtado, “Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial”, in *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, vol. XL, 2005, pp. 88-105;
- F. Garzón Maceda, *La Medicina en Córdoba. Apuntes para su historia*, Tomos I-II-III, Buenos Aires, Talleres Gráficos Rodrigues Giles, 1916;
- Carlo Ginzburg, *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*, São Paulo, Companhia das Letras, 2007;
- François Hartog. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1999.
- Fernando Mañe Garzon, *Historia de la Ciencia en el Uruguay. Tomo I. Del Descubrimiento al Fin de las Misiones Jesuíticas*, Uruguay, Imprenta Tradinco S/A, 1996;
- Carmen Martín Martín e José Luis Valverde**, “Aportación de los naturalistas misioneros a la Botanica Farmaceutica”, in *Libro de Actas, Congreso Internacional de Historia de la Farmacia*, Granada, España, 1985, pp. 353-359;
- Manuscritos da Coleção de Angelis – MCA, *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)*, Introdução e Notas por Jaime Cortesão, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1951;
- Pedro Montenegro, *Matéria Medica Misionera*, Buenos Aires, Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945;
- Aníbal Ruiz Moreno, *La Medicina en “el Paraguay Natural” (1771-1776) del P. Jose Sánchez Labrador S. J.: Exposición comentada del texto original*, Tucuman, Universidad Nacional de Tucuman, 1948;
- Charles O'Neill e Joaquín-Maria Dominguez (ed.), *Diccionario Historico de la Compañía de Jesús*, Tomo III, Roma, Institutum Historicum SI, Madrid, Universidad Pontificia Comillas, 2001;
- Angélica Otazú Melgarejo, “Contribución a la medicina natural: Pohã Ñana, un manuscrito inédito en guaraní (Paraguay, s. XVIII)”, in *Corpus – Archivos Virtuales de la Alteridad Americana* [En línea], vol. 4, nº 2, julio-diciembre 2014, pp. 1-12;
- Pablo Pastells, *História de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*, Madrid, Librería General de Victoriano Suárez, 1912;
- Pablo Pastells, *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*, Madrid, Librería General de Victorino Suárez, 1933;
- Ivoni Freitas Reis, Um mapa da medicina antiga: entre a cura através dos contrários e a cura através dos semelhantes. *Revista de historia de la medicina y epistemologia medica*, Buenos Aires, Departamento de Humanidades Médicas, v. 1, 2009, pp. 01-14;
- SAINZ OLLERO, Héctor et al., *José Sánchez Labrador y los naturalistas jesuitas del Río de la Plata*, Madrid, Mopu, 1989;
- José Sánchez Labrador, *El Paraguay Católico*, Buenos Aires, Imprenta de Coni Hnos., 1910;
- José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del país, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*. Ravenna, 1771-1776. (Manuscrito). Archivo Histórico de la Compañía de Jesús [ARSI], Roma.

NOTA

- 1 Para Miguel de Asúa, “hay suficientes elementos para concluir que (...) ya desde la época de los jesuitas (antes de su expulsión en 1767) hubo en el Río de la Plata episodios y personajes ‘modernizadores’ (...) en las misiones se desplegaba una interesante actividad científica como lo demuestran los casos del astrónomo Buenaventura Suárez (...) y los autores de las ‘historias naturales jesuitas del Nuevo Mundo’ o los manuscritos de materia medica. Hace bastante que vengo argumentando que a mediados del siglo XVIII el frente más avanzado de la ciencia en el Río de la Plata se ubicó en las misiones del Paraguay histórico” (ASÚA, 2010, p.192-193).
- 2 As *Historias Naturales* produzidas por vários membros da Companhia de Jesus seguiam, em linhas gerais, o modelo da *Historia Natural y Moral de las Indias* (1590), escrita pelo padre José de Acosta. Para Anagnostou e Fechner (2011, p. 178), José de Acosta “Más do que compilar y mesclar simplemente estos conocimientos [sobre a América] con su saber sólido en filosofía y letras, [...] confronta y compara la tradición con la experiencia dialécticamente y desenvuelve así un nuevo ‘método de comprensión’, com vistas à reorganização dos modelos epistemológicos existentes.
- 3 As *Materias Medicas* remontam à Antiguidade greco-romana, tendo sido amplamente utilizadas na Idade Média, tanto no mundo árabe, quanto no ocidental. Caracterizando-se por um tipo didático de texto, que se assemelha mais a um manual que a um tratado científico, contemplam substâncias naturais originárias do reino animal, vegetal e minera, descritas a partir de seu habitat e de seus usos terapêuticos.
- 4 Beatriz Helena Domingues afirma que os jesuítas assimilaram “algumas ideias caras à Ilustração – ainda que [de forma] seletiva e católica”, razão pela qual se deve relativizar a “abordagem tradicional que atribuiu à Companhia de Jesus uma visão retrógrada e resistente a mudanças, associada à tradição medieval católica e barroca” (DOMINGUES, 2009, p. 233). Também para Figueroa e Ledezma, os jesuítas incorporaram e assimilaram paulatinamente as ideias e os métodos de estudo da Ilustração, mas isto não significou “un rechazo absoluto del estudio de la naturaleza inspirado por la maravilla y el asombro que infundían las complejidades y misterios del mundo natural americano.” Assim, a produção de um conhecimento baseado na observação e na experiência – tão caro aos jesuítas – “no ensombreció la fascinación por los misterios de la naturaleza” (MILLONES FIGUEROA; LEDEZMA, 2005, p. 22).
- 5 A Companhia de Jesus adotou uma classificação de talentos “em diferentes categorias”, que eram os “talentos para ensinar, seja em nível elementar (*ad docendum*), seja em nível superior (*ad legendas facultates*); para a administração, que são ou de governo (*ad gubernandum*), ou de conselho (*ad consultandum*); para as tarefas espirituais: a pregação (*ad condicionandum*), a confissão (*ad audiendas confessiones*), o cuidado dos outros (*ad agendum cum proximis*), enfim, talentos ligados à gestão dos bens e à organização da vida material da província (*ad negotia curanda, ad officia domestica*)” (CASTELNAU-L’ESTOILE, 2006, p. 211).
- 6 Sobre esta temática, recomenda-se ver: AMANTINO, Márcia *et al.* (orgs.), *A Companhia de Jesus na América por seus colégios e fazendas, Aproximações entre Brasil e Argentina (século XVIII)*, Rio de Janeiro, Garamond, 2015.
- 7 Héctor Sainz Ollero *et al.*, *José Sánchez Labrador y los naturalistas jesuitas del Río de la Plata*, Madrid, Mopu, 1989, p. 194.
- 8 É o próprio Sánchez Labrador quem, no Livro III, da *Parte Segunda*, nos fornece informações neste sentido: “En la bien surtida, y aseada Botica, que en la antiquíssima ciudad de Revenna (sic) tiene el monasterio de religiosos benedictinos, que llaman de San Vidal, el que cuidaba de ella, *hombre muy inteligente, nos enseñe a algunos misioneros del Paraguay un bollo de resina, preguntándonos si la conocíamos.*” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1772, p. 145, grifos nossos).
- 9 Héctor Sainz Ollero *et al.*, *José Sánchez Labrador y los naturalistas jesuitas del Río de la Plata*, Madrid, Mopu, 1989, pp. 101-102.
- 10 Este artigo contempla resultados do projeto As “*artes de curar*” em dois manuscritos jesuítas inéditos do século XVIII, financiado pelo Edital Ciências Humanas e Sociais – Chamada MCTI/CNPq/MEC/CAPES Nº 22/2014, e desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em história da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).
- 11 Recentemente as *Partes Segunda, Tercera e Quarta* do *Paraguay Natural Ilustrado* foram transcritas integralmente e acompanhadas de uma introdução e notas. Recomenda-se ver: Eliane Cristina Deckmann Fleck, *As artes de curar em um manuscrito jesuítico inédito do Setecentos – o Paraguay Natural Ilustrado* do padre José Sánchez Labrador (1771-1776), São Leopoldo, Oikos, Editora Unisinos, 2015.
- 12 O *Libro de Cirugía* foi “dado a conocer en 1916, por el Dr. Felix Garzón Maceda, en su obra *La medicina en Córdoba*. Se trata de un volumen con más de 600 páginas, escrito con letra pequeña y apretada, intercalando muchos dibujos del instrumental quirúrgico usado para diversas intervenciones. Incluye un apéndice, escrito con letra diferente y quizá por eso de otro autor o colaborador de la obra figurando en ella el año de edición, 1725” (ACERBI CREMADES, 1999, p. 19).
- 13 Charles O’Neill e Joaquín-Maria Dominguez, *Diccionario Historico de la Compañía de Jesús*, Tomo III, Roma, Institutum Historicum SI, Madrid, Universidad Pontificia Comillas, 2001, pp. 13-15.
- 14 Guillermo Furlong, *Medicos Argentinos durante la dominación hispanica*, Buenos Aires, Huarpes, 1947, p. 74.
- 15 Trata-se de F. Garzón Maceda, *La Medicina en Córdoba. Apuntes para su historia*, Tomos I-II-III, Buenos Aires, Talleres Gráficos Rodrigues Giles, 1916. (Edição Parcial do *Libro de Cirugia*).
- 16 MONTENEGRO apud Norma Acerbi Cremades, “Los jesuítas y la medicina de Córdoba desde 1599 a 1767” in *Anais Congreso Internacional Jesuítas 400 Años en Córdoba*, Septiembre, Tomo 4, 1999, p. 19.
- 17 GARZÓN MACEDA In: Norma Acerbi Cremades, “Los jesuítas y la medicina de Córdoba desde 1599 a 1767” in *Anais Congreso Internacional Jesuítas 400 Años en Córdoba*, Septiembre, Tomo 4, 1999, p. 19.
- 18 Fernando Mañe Garzon, *Historia de la Ciencia en el Uruguay. Tomo I. Del Descubrimiento al Fin de las Misiones Jesuíticas*, Uruguay, Imprenta Tradinco S/A, 1996, p. 231.
- 19 Pablo Pastells, *História de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*, Madrid, Librería General de Victoriano Suárez, 1912, p. 287.
- 20 Carmen Martín Martín e José Luis Valverde, “Aportación de los naturalistas misioneros a la Botánica Farmaceutica”, in *Libro de Actas, Congreso Internacional de Historia de la Farmacia*, Granada, España, 1985, p. 355.
- 21 Portugal e Espanha entraram em conflito, por motivos que envolviam a sucessão ao trono espanhol, em 1704, o que veio a ter consequências nos conflitos entre as coroas ibéricas na região do Prata. Inicialmente, cogitou-se o envio de nove mil indígenas missioneiros para o ataque à Colônia, mas os Superiores das Missões do Uruguai e do Paraná não autorizaram sua liberação, temendo pela segurança das reduções. Acredita-se que tenham se deslocado em torno de quatro mil indígenas, provenientes de Corrientes, Córdoba e Tucumán.
- 22 Francisco Bauzá, *Historia de la cominación española en el Uruguay*, Montevideo, Barreyro y Ramos, 1895, p. 551.
- 23 Esta mesma informação pode ser encontrada na **Notícia prelimi-**

- nar de Raúl Quintana à *Materia Medica Misionera*. Buenos Aires. Imprenta de la Biblioteca Nacional, 1945. Ver versão digital disponível na Biblioteca Virtual del Paraguay. Também o historiador jesuíta Charlevoix refere a participação: “O certificado expedido em 15 de junho de 1705, por Baltasar García Ros, destaca os serviços prestados pelos indígenas Diego Gaivipoy, Bonifacio Capi, Juan Mañani e Pedro Mbacapi, e que “al lado de ellos [estavam] los hermanos Pedro de Montenegro, Joaquín de Zubeldía y Josef Brasaneli ‘sus cirujanos’” (CHARLEVOIX, 1913, p. 377).
- 24 ARCHIVO GENERAL ADMINISTRATIVO (1705-1750). *CERTIFICADO de Andrés Gómez de la Quintana: sobre los servicios prestados por los indios de las reducciones en el desalojo de los protugueses de la colonia*. 1705, noviembre 29. Certificados. Caja 1, carpeta 1 bis (fls:2). Archivo General de la Nación del Uruguay.
- 25 Ferimentos como os registrados por Montenegro eram, de fato, inevitáveis, já que as tropas “venían muy bien armadas”, sendo que os indígenas seguiram para o conflito “con diferentes bocas de fuego con sus frascos, y bolsas bien providos de pólvora y balas; y otros con lanzas, dardos, arcos con mucha cantidad de flechas, macanas y piedras, armas naturales suyas.” Ver ARCHIVO GENERAL ADMINISTRATIVO (1705-1750). *CERTIFICADO de Andrés Gómez de la Quintana: sobre los servicios prestados por los indios de las reducciones en el desalojo de los protugueses de la colonia*. 1705, noviembre 29. Certificados. Caja 1, carpeta 1 bis (fls:2). Archivo General de la Nación del Uruguay.
- 26 Pedro Montenegro, *Matéria Medica Misionera*, Buenos Aires, Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945, p. 176.
- 27 Pedro Montenegro, *Matéria Medica Misionera*, Buenos Aires, Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945, p. 110.
- 28 Como bem apontado por Schiaffino, “En las cuatro expediciones militares, donde invariablemente se agregaran los enfermeros, el aspecto higiénico y sanitario ocupaba un lugar importante”. ARCHIVO del Dr. R. SCHIAFFINO. Originales de su obra *Historia de la Medicina en el Uruguay*. Tomo II, cap. II (La Colonia de Sacramento). Caja 245, carpeta 21. Archivo General de la Nación del Uruguay.
- 29 Pedro Montenegro, *Matéria Medica Misionera*, Buenos Aires, Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945, p. 37. **Montenegro se refere à pitanga e ao guabiju como arrayán blanco e arrayán negro, respectivamente. Ambas as plantas eram indicadas para o tratamento de distúrbios estomacais e intestinais, por suas propriedades antidiarréica e antidiarréica.** Também a espécie *Psidium L.*, denominada como guayabas ou arazá pelo irmão jesuíta, é indicada para os males do estômago e intestinos.
- 30 Vale ressaltar que na Europa, e mesmo na América, cabia aos cirurgiões-barbeiros, que não possuíam formação nas Academias, a realização de práticas cirúrgicas – que previam o tratamento de fraturas e amputações – e sangrias. De qualquer modo, o tratamento de fraturas ósseas na América portuguesa previa a indispensável manipulação e emprego de fármacos, aos quais se somavam emplastos, ataduras de panos, talas e muita aguardente para lavar as lesões e imobilizar o ferido. (ABREU, 2007; FAUSTO *et al*, 2013; FURTADO, 2002, 2005). Considerando que os jesuítas enfermeiros contavam com “las medicinas ordinárias” das boticas instaladas nas reduções, tais como “ventosas, lancetas, panos para hilar y vendar, sal, cuchillos para foguear, azufre, ajos, piedra de San Pablo, miel de abejas” é, muito provável, que acabassem desempenhando as funções próprias dos cirurgiões-barbeiros. No caso de Montenegro, consideramos plausível que tanto o conhecimento prévio na Espanha, quanto a experiência adquirida no cuidado de ferimentos, como os resultantes de quedas ou de conflitos bélicos – e que caberiam a estes profissionais das artes de curar –, tenham sido fundamentais para a concepção e a elaboração do *Libro de Cirugía*, cujo sumário pode ser consultado na obra de Garzón Maceda (1916).
- 31 Pedro Montenegro, *Matéria Medica Misionera*, Buenos Aires, Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945, p. 244.
- 32 Também algumas reduções contaram com boticas que contavam com “el azufre, el alumbre, el sal, el tabaco, la pimienta, la enjudicia de gallina, la graxa de tigre, buey y de carnero y pólvora. Fuera de estos simples tenían siempre prontos tres calabazas llenas de ungientos compuestas una de ellas con un verde hecho con sebo y veinte hierbas distintas y las cortezas de arboles famosas por sus virtudes medicinales” ARCHIVO del Dr. R. SCHIAFFINO. Originales de su obra *Historia de la Medicina en el Uruguay*. Tomo II, cap. II (La Colonia de Sacramento). Caja 245, carpeta 21. Archivo General de la Nación del Uruguay.
- 33 No tratamento de feridas externas, Montenegro indicava a utilização do ceibo ou *zuinadí* para os guaranis. Sua casca, depois de raspados os espinhos, deveria ser esmagada e aplicada sobre as lesões. Com ela também podiam ser preparados bálsamos, com o extrato da casca ou da flor, que ficavam guardados nas boticas das reduções, para eventuais emergências. Ver Pedro Montenegro, *Matéria Medica Misionera*, Buenos Aires, Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945, p. 55.
- 34 Pedro Montenegro, *Matéria Medica Misionera*, Buenos Aires, Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945, p. 237. Dentre as espécies nativas produtoras de óleos essenciais terapêuticos e que compunham os bálsamos empregados no tratamento de lesões externas indicados por Montenegro, estava a *cupay* (*Copaifera sp.*) ou copaíba. Na América portuguesa setecentista, os emplastos utilizados na regeneração de ossos fraturados eram feitos também primordialmente à base de copaíba, embaúba e terebintina. Já para doenças ósseas, causadas por fraturas, o físico Jean Vigier, autor de “*Thesoro Apollineo, Galenico, Chimico, Chirurgico, Pharmaceutico*”, de 1714, recomendava que fossem administrados remédios de duas classes em caso de fóssea: os ácidos (espírito de sal, espírito de mel, óleo cáustico de antimônio, óleo de vitriolo) e os alcalinos poderosos (eufórbio, óleo de papel, alcanfor sem ácidos e o cáustico atual). Ver mais em FAUSTO, Christian *et al*, “O cirurgião, o físico e as quebra-duras: tratamento e cura de fraturas ósseas em dois manuais de medicina do século XVIII” in *Antíteses*, v. 6, n. 12, 2013, pp. 239-268.
- 35 Ilustrativo da prática da cópia de manuscritos é o documento intitulado *Sobre el contagio de las viruelas* [anônimo], que parece haver sido escrito como uma *cartilha* que deveria ser seguida pelos missionários responsáveis pelas reduções jesuíticas. Nela, pode-se encontrar uma série de recomendações para o cuidado dos doentes e medidas para evitar o contágio: “(...) Hagase también provisión de *aguarabay*, el cosimiento de el sirve para lavarse una o dos veces al día cuando ya las viruelas se van secando. Esta água les quita las ronchas y hediondez. También sirve para quemarlo en el hospital. Y es provechoso el humo en los aposentos apestados” (MCA, 1951, Cx A, Doc. 04. Acervo XCCDA, Doc. A1). Cabe destaca que, apesar da menção explícita à *aguarabay* – termo em guarani para a planta medicinal que, segundo a *Matéria Médica Misionera*, do Ir. Montenegro, é comparável ao lentisco [aroeira-da-praia], podendo ser empregada como bálsamo cicatrizante contra a diarreia e contra infecções do aparelho respiratório e urinário –, os procedimentos terapêuticos recomendados neste documento se fundamentam na tradição hipocrático-galênica amplamente conhecida – ou praticada – pelos missionários jesuítas.
- 36 O manuscrito *Pojhã Ñana, Materia Medica Misionera o Herbario de*

- las Reducciones Guaranies. Misiones. Año de 1725* por Marcos Villodas S. J. consta de 59 folios, que equivalem a 119 páginas. Segundo Angélica Otazú Melgarejo (2014), *Pojhã* pode ser traduzido como remédio e o termo Ñana por erva silvestre.
- 37 Sabe-se que Marcos Villodas nasceu em 1º de maio de 1695, em Nanclares de Gamboa, Álava, País Basco, e que era jesuíta desde 1712. Villodas chegou a Buenos Aires em 1717, e entre 1724 até 1735 exerceu atividades nas “*Misiones del Uruguay*”, sendo que no ano de 1725 [ano da divulgação do manuscrito] se encontrava na redução de “*Concepción*”. Foi destinado depois à cidade de Córdoba de Tucumán, onde esteve encarregado da botica até 1739. Era tido como bom cirurgião, mas como boticário, “se falava mal dele porque além de ser mesquinho, não sabia nada de botica e trocava os remédios e receitas, segundo dizem”. Foi transferido da botica de Córdoba para Santa Fe, onde veio a falecer em 1741 (FURLONG, 1947, p. 97).
- 38 O *Wellcome Institute for the History of Medicine* de Londres adquiriu este manuscrito em 1962, junto com outras peças da coleção do Dr. Francisco Guerra, bibliófilo e historiador da medicina de América Latina.
- 39 Cabe observar que o autor do manuscrito, o irmão jesuíta Villodas, não descuidou de informar que “Si se multiplican los tumores, entonces se tiene que prolongar el tratamiento [...] debe aplicársele remedios más eficaces [sangria], [pois] el tratamiento empleado sirve solo para mitigar el dolor.” (Ms W. L. LONDRES f. 171, 39r).
- 40 De acordo com Angélica Otazú Melgarejo, é provável que os procedimentos terapêuticos recomendados no manuscrito *Pojhã Ñana* tenham sido extraídos de outros manuscritos que tenham circulado entre e nas reduções jesuíticas do antigo território paraguaio. Ver mais em Angélica Otazú Melgarejo, “Contribución a la medicina natural: Pohã Ñana, un manuscrito inédito en guaraní (Paraguay, s. XVIII)”, in *Corpus – Archivos Virtuales de la Alteridad Americana* [En línea], vol. 4, nº 2, julio-diciembre 2014, p. 11.
- 41 Ms – Wellcome Institute for the History of Medicine de Londres, f. 171, 39r, grifos nossos. *Juapekã* é uma espécie de planta febrífuga; o *Tarope* é uma espécie de contraerva e o *Kapi'i kati*, referido como esquinanto pelo irmão jesuíta Pedro Montenegro é também conhecido como capim cheiroso.
- 42 Pedro Montenegro, *Matéria Medica Misionera*, Buenos Aires, Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945, p. 415.
- 43 Vale aqui lembrar que o médico sevilhano Monardes, no século XVI, exaltou, em sua obra “*Primera y segunda y tercera partes de la historia medicinal*”, as grandes virtudes curativas do tabaco, introduzido “nos jardins e nas hortas da Espanha, para tratamento de todo tipo de enfermidade: asma, mal de peito, dores de estômago, mal de útero”, não deixando, contudo, de referir que tinha “a faculdade de proporcionar ‘imaginações e fantasmas’”, a exemplo de outras duas substâncias, a maconha e o ópio. (GINZBURG, 2007, pp. 96-97).
- 44 Pedro Montenegro, *Matéria Medica Misionera*, Buenos Aires, Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945, p. 347, grifos nossos.
- 45 Pedro Montenegro, *Matéria Medica Misionera*, Buenos Aires, Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945, p. 109, grifos nossos.
- 46 O jesuíta José Sánchez Labrador é também o autor de *El Paraguay Católico*, escrito, muito provavelmente, entre 1769 e 1770. Esta obra teve sua primeira edição publicada em 1910, pela Imprenta de Coni Hnos., de Buenos Aires.
- 47 Sánchez Labrador faz referência também às reduções de *Yapeyu*, *Trinidad*, *Jesús*, *Loreto*, *San Ignacio Mini*, *San Ignacio Guazu*, *San Cosme* y *San Damián* e *San Lorenzo*, mas não informa se as conheceu pessoalmente.
- 48 José Sánchez Labrador e os outros cerca de dois mil jesuítas expulsos da América espanhola foram exilados e se estabeleceram em outras localidades da Europa. Os padres do Vice-reinado do Rio da Prata teriam sido os últimos a deixarem as reduções pelas dificuldades de se encontrarem substitutos, sendo retirados de suas residências entre junho e agosto de 1768. Os documentos encontrados com os jesuítas foram confiscados para que pudessem ser encontradas evidências sobre suas atividades, razão pela qual foram autorizados a viajar somente com suas roupas e breviários. Foram levados, em precárias condições, para Córsega, de onde foram enviados, em sua maioria, para as cidades de Faenza, Ravena, Brisighella e Ímola. Em uma carta datada de 21 de agosto de 1768, de Puntales (Cádiz), encontra-se uma lista de 150 jesuítas que partiram de Buenos Aires, em uma fragata, chamada de *Esmeralda*, que os levaria de volta para a Europa, sob responsabilidade do comandante Mateo del Collado Neto. Sánchez Labrador estava citado entre os missionários que provinham da Província do Paraguai (SAINZ OLLERO, 1989).
- 49 José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*. Ravenna, 1771-1776. (Manuscrito). Archivo Histórico de la Compañía de Jesús [ARSI], Roma.
- 50 A obra *Paraguay Natural Ilustrado* já mereceu alguns estudos, todos eles realizados a partir da consulta à fonte manuscrita que se encontra no ARSI, tais como os de Guillermo Furlong, *Naturalistas Argentinos durante la dominación Hispanica*, Cultura Colonial Argentina, vol. 8, Buenos Aires, Editorial Huapes, 1948; de Aníbal Ruiz Moreno, *La Medicina en “el Paraguay Natural” (1771-1776) del P. Jose Sánchez Labrador S. J.: Exposición comentada del texto original*, Tucuman, Universidad Nacional de Tucuman, 1948; e o de Héctor Sainz Ollero *et al.*, *José Sánchez Labrador y los naturalistas jesuitas del Río de la Plata*, Madrid, Mopu, 1989.
- 51 O número de páginas e de desenhos e, especialmente, a riqueza de detalhes que o autor fornece aos leitores interessados em História Natural têm provocado uma série de questionamentos sobre sua elaboração. Muitos historiadores, como Ollero, acreditam que o jesuíta “pudo, a pesar de las ordenes de Bucareli, trasladar con él parte de sus escritos hasta su destierro italiano” (SAINZ OLLERO *et al.*, 1989, p. 106). Considerando que não é possível determinar quantas de suas anotações e desenhos o jesuíta pôde levar consigo para o exílio, parece plausível supor que ele não tenha se valido exclusivamente de sua memória, recorrendo, por isso, à memória de outros padres jesuítas e à consulta a obras de cunho científico que circulavam na Europa e que se encontravam à sua disposição na biblioteca da casa da Ordem em Ravena. (BARCELOS, 2013, p. 21).
- 52 O Tomo de Botânica, especificamente, está subdividido em sete livros, compostos por 76 capítulos, que abordam os seguintes tópicos: Fisiologia, anatomia, histologia, reprodução vegetal; Florestas, campos, pântanos, desertos; Farmacologia, cultivo, etnobotânica.
- 53 José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*, (Manuscrito inédito), Ravenna, 1771, Tomo I, Introdução, p. Num. I.
- 54 É preciso, ainda, considerar que durante todo o século XVIII, como bem observado por Ivonne Del Valle (2009, p. 49), “los escritos e investigaciones de los jesuitas seguían supliendo información valiosa sin que necesariamente ellos mismos, como ordem, fueron reconocidos [...] en términos de igualdad por los científicos”. Esta condição, com certeza, se acentuou após a expulsão da Companhia de Jesus dos

domínios coloniais ibéricos e do Breve papal, de 1773, que decretou a supressão de suas atividades.

- 55 José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*. (Manuscrito inédito), Ravenna, 1772, Tomo II, Introdução, f. num. I.
- 56 José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*. (Manuscrito inédito), Ravenna, 1772, Tomo II, Introdução, f. num. I.
- 57 Segundo a historiadora argentina Maria Silvia Di Liscia (2002), as pedras bezoares eram tidas como essenciais nas boticas europeias e americanas, sendo também referidas nas farmacopéias, nos compêndios e receituários da Companhia de Jesus e nas listas de mercadorias solicitadas aos Procuradores da ordem que se dirigiam à Europa. O inventário do Colégio de Córdoba, realizado logo após o decreto de expulsão da Companhia de Jesus, nos anos de 1771 e 1772, confirma que as pedras bezoares integravam “*los bienes medicinales*” das boticas deste colégio jesuítico da Província Jesuítica do Paraguai. As pedras aparecem relacionadas na categoria *Preparaciones y Polvos*, ao lado de chifres de cervo, dentes de javali, corais e olhos de caranguejo, pós de víbora e esperma de baleia, e, ainda, na categoria dos *Polvos cordiales*, na qual é feita, inclusive, uma distinção entre a pedra bezoar ocidental e a americana, que aparecem, mais uma vez, relacionadas entre outros itens, tais como corais, madrepérola e olhos de caranguejo (FLECK, 2014, pp. 330-340).
- 58 A utilização de pedras bezoares é referida em ao menos duas receitas na *Materia Medica Misionera*, escrita pelo irmão jesuíta Pedro Montenegro (1710). Numa delas, a pedra é utilizada contra a varíola, juntamente com quatro folhas de *calamita menor* (planta *quisetinea*) e duas onças de açúcar, o que provocava suores nos pacientes, razão pela qual o boticário recomendava que estes se resguardassem do vento. Em outra receita, Montenegro faz menção ao seu uso combinado com folhas da *sextula maior*: “E se lhe colocam umas duas folhas de borragem [*borracha-chimarrona*] ou de pedra bezoar, por ser mais sudorífica, atenua as dores internas, assim do ventrículo como do fígado” (MONTENEGRO, 1945, p. 142). O inventário do Colégio de Córdoba, realizado logo após o decreto de expulsão da Companhia de Jesus, nos anos de 1771 e 1772, confirma que as pedras bezoares integravam “*los bienes medicinales*” das boticas deste colégio jesuítico da Província Jesuítica do Paraguai. As pedras aparecem relacionadas na categoria *Preparaciones y Polvos*, ao lado de chifres de cervo, dentes de javali, corais e olhos de caranguejo, pós de víbora e esperma de baleia, e, ainda, na categoria dos *Polvos cordiales*, na qual é feita, inclusive, uma distinção entre a pedra bezoar ocidental e a americana, que aparecem, mais uma vez, relacionadas entre outros itens, tais como corais, madrepérola e olhos de caranguejo (FLECK, 2014, pp. 330-340).
- 59 Os vinte e um insetos cujas virtudes terapêuticas Sánchez Labrador apresenta são as Abelhas (*Abejas*), as Vespas (*Abispas*), os Escorpiões (*Alacranes*), as Aranhas (*Arañas*), as Cantáridas (*Cantárides*), os Percevejos (*Chinchas*), a Centopeia (*Cientopias*), a Cigarra (*Cigarra*), as Cochonilhas (*Cochinillas*), as Baratas (*Cucarachas*), os Besouros (*Escarabajos*), os Carrapatos (*Garrapatas*), os Grilos (*Grillos*), as Formigas (*Hormigas*), os Gafanhotos (*Langosta*), os Vermes (*Lombrices*), as Moscas (*Moscas*), os Mosquitos (*Zancudos*), as Lagartas (*Orugas*), os Piolhos (*Piojos*) e as Sanguessugas (*Sanguijuelas*). Labrador apresenta, ainda, as virtudes de oito subprodutos destes insetos, com destaque para o mel (Abelha), cera (Abelha), vespeiro (Vespa), teia (Aranha), escarlata (*Cochonilla de Grana*), formigueiro (Formiga), ovos (Formiga) e goma lacca (Formiga).

60 No *Paraguay Natural*, Sánchez Labrador parece estar em sintonia com os avanços no estudo dos invertebrados – particularmente dos insetos – observados no século XVIII, uma vez que não se contenta em referi-los como “*bichos venenosos*” ou como organismos “*imperfeitos*” e, por isso, não dignos de atenção. Opondo-se a esta forma tão negativa de perceber os insetos, aponta para as virtudes terapêuticas de alguns deles e para seu largo uso pelos indígenas americanos. Em razão disso, o Livro sobre os “*pequeños vivientes*” – como a eles se referia Sánchez Labrador – não se caracteriza por descrições fantasiosas ou crenças arraigadas, oferecendo, ainda, evidências do estreito convívio do jesuíta com os indígenas junto aos quais atuou como missionário. Sánchez Labrador apresenta suas virtudes e indicações, tencionando sua adequação ao sistema europeu e à teoria humoralista hipocrático-galênica, em consonância com sua condição de europeu e de religioso, não desconsiderando os saberes próprios dos grupos indígenas com os quais conviveu.

- 61 De acordo com essa teoria, o corpo humano seria formado por diferentes líquidos ou humores que eram “quase sempre quatro (Sangue, Fleuma, Bilis Amarela e Bilis Negra). A saúde consistiria no equilíbrio desses humores, assim como a enfermidade consistiria no predomínio de algum deles sobre os demais” (FREITAS REIS, 2009, p. 3).
- 62 Como se pôde constatar, praticamente todos os insetos eram tostados, moídos ou secados com o intuito de serem reduzidos a pó. Este pó podia, posteriormente, ser ingerido com alguma água ou “*licor conveniente*”, sendo misturado ou cozido com vinho ou chicha ou, até mesmo, infundido em algum azeite. O padre jesuíta relata alguns outros curiosos usos de insetos, tais como o das abelhas, moscas e mosquitos como medicamento contra a calvície, e o do carrapato para que o cabelo caísse. Há, ainda, o registro do uso das antenas do besouro em partos difíceis, mas sem o detalhamento dos modos de preparo, e o emprego da cochonilha de grana por uma mulher que, muito adoentada e, querendo confessar-se, não mais conseguia falar. Neste caso, um pedaço da grana foi diluído em vinho morno, colocado em uma colher e inserido na boca da enferma, com grandes resultados.
- 63 Padre Alonso de Ovalle atuou como Procurador da Vice-Província Jesuítica do Chile e é o autor da obra “*Historica Relacion del Reyno de Chile*” publicada em Roma, em 1646.
- 64 Trata-se do químico e médico francês Esteban Francisco Geoffroy (1672-1731).
- 65 A principal obra do espanhol Marco Valério Marcial [Marciel] (38/40 d.C.-?) é *Liber spectacularum* (80 d.C.).
- 66 O escritor e médico greco-romano Pedânio Dioscórides (40 d.C.-90 d.C.) escreveu a obra *De Materia Medica*, tido como o manual de Farmacopeia mais importante da Grécia e Roma antigas.
- 67 O médico e farmacêutico alemão Johann Schröder (1600-1664) é tido como o primeiro a reconhecer o arsênio como um elemento.
- 68 O médico, filósofo e cirurgião romano Cláudio Galeno (129-199/217 d.C.) defendia que a saúde do homem dependia do equilíbrio dos quatro humores, assim como já havia afirmado Hipócrates (460-377 a. C.).
- 69 José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*. (Manuscrito inédito), Ravenna, 1771, Tomo IV, Livro III, p. 368.
- 70 José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*. (Manuscrito inédito), Ravenna, 1771, Tomo IV, Livro III, p. 362.

- 71 José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*, (Manuscrito inédito), Ravenna, 1771, Tomo IV, Livro III, p. 362, grifos nossos.
- 72 José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*, (Manuscrito inédito), Ravenna, 1771, Tomo IV, Livro III, p. 369, grifos nossos.
- 73 José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*, (Manuscrito inédito), Ravenna, 1771, Tomo IV, Livro III, p. 363.
- 74 José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*, (Manuscrito inédito), Ravenna, 1772, Tomo II, Livro III, p. 221; p. 369.
- 75 José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*, (Manuscrito inédito), Ravenna, 1771, Tomo IV, Livro III, p. 363.
- 76 José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*, (Manuscrito inédito), Ravenna, 1771, Tomo IV, Livro III, p. 363, grifos nossos.
- 77 José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*, (Manuscrito inédito), Ravenna, 1771, Tomo IV, Livro III, p. 365, grifos nossos.
- 78 José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*, (Manuscrito inédito), Ravenna, 1771, Tomo IV, Livro III, p. 366.
- 79 José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*, (Manuscrito inédito), Ravenna, 1771, Tomo IV, Livro III, p. 366.
- 80 José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*, (Manuscrito inédito), Ravenna, 1771, Tomo IV, Livro III, p. 368.
- 81 José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*, (Manuscrito inédito), Ravenna, 1771, Tomo IV, Livro III, p. 368.
- 82 Michel de Certeau, *A escrita da história*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982, p. 82.
- 83 Cabe lembrar que as observações que Labrador fez do emprego de insetos na cura de certas enfermidades decorrem das experiências que vivenciou como missionário na Província Jesuítica do Paraguai. Esta especial condição – de religioso com a missão de evangelizar e civilizar os indígenas – se manifestará, sem dúvida, nas apreciações que fará das práticas curativas indígenas.
- 84 José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*, (Manuscrito inédito), Ravenna, 1771, Tomo IV, Livro III, p. 366, grifos nossos.
- 85 José Sánchez Labrador, *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*, (Manuscrito inédito), Ravenna, 1771, Tomo IV, Livro III, p. 366.
- 86 François Hartog, *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1999, p. 259.
- 87 María Silvia Di Liscia, *Saberes, Terapias y Prácticas Médicas en Argentina (1750-1910)*, Madrid, Consejo Superior de Investiga Científicas Instituto de Historia, 2002, p. 40.
- 88 Luis Millones Figueroa e Domingo Ledzma (eds.), *El saber de los jesuitas, historias naturales y el Nuevo Mundo*, Madrid, Iberoamericana, 2005, pp. 13-14.
- 89 Sabine Anagnostou e Fabian Fechner, “Historia Natural y Farmácia Misionera entre los Jesuitas em el Paraguay”, in Guillermo Wilde (ed.), *Saberes de la conversión. Jesuitas, indígenas e Impérios coloniales en las fronteras de la Cristandad*, Buenos Aires, Editorial SB, 2011, p. 175.
- 90 Sabine Anagnostou e Fabian Fechner, “Historia Natural y Farmácia Misionera entre los Jesuitas em el Paaguay”, in Guillermo Wilde (ed.), *Saberes de la conversión. Jesuitas, indígenas e Impérios coloniales en las fronteras de la Cristandad*, Buenos Aires, Editorial SB, 2011, p. 190.
- 91 Pedro Montenegro, *Matéria Medica Misionera*, Buenos Aires, Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945, p. 264.
- 92 Angélica Otazú Melgarejo, “Contribución a la medicina natural: Pohã Nana, un manuscrito inédito en guaraní (Paraguay, s. XVIII)”, in *Corpus – Archivos Virtuales de la Alteridad Americana* [En línea], vol. 4, nº 2, julio-diciembre 2014, pp. 3-4.
- 93 Ivonne Del Valle, *Escribiendo desde los márgenes: colonialismo y jesuitas em el siglo XVIII*, México, Siglo XXI, 2009, pp. 13.

O AUTOR

Eliane Cristina Deckmann Fleck é Graduada e Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora Titular da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS, integra a “Red de investigadores de la Sociedad Internacional de Estudios Jesuíticos”, com sede na EHESS, Paris (França) e a “Red de Historia de Brasil y Portugal”, com sede na UBA, Buenos Aires (Argentina) e os Grupos de Pesquisa-CNPq “Jesuítas nas Américas” e “Imagens da Morte: a morte e o morrer no mundo ibero-americano”. Dentre suas mais relevantes publicações, estão os livros “As artes de curar um manuscrito jesuítico inédito do Setecentos: um estudo do *Paraguay Natural Ilustrado*, de José Sánchez Labrador (1771-1776)”, “Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus América platina, séculos XVII e XVIII” (2014) e “Enlaçar Mundos - Três jesuítas e suas trajetórias no Novo Mundo” (2014).